

Henrique Monteiro



OS DIAS QUE ME OCORRÊM

VITÓRIAS E DERROTAS

Visto de um golpe, há três vencedores e meio nas eleições, dois vencidos, dois esquarterados, um morto anunciado e um morto com certidão de óbito. São vencedores o PS, em primeiro lugar e de longe; o Chega, a IL e (este é o meio) o Livre. Vencidos foram o PSD e o PAN; esquarterados a CDU e, sobretudo o Bloco; com prognóstico reservado (à morte, portanto), o CDS, e morto e enterrado, o PEV. No conjunto há menos uma formação e menos uma ficção (PEV) no Parlamento. E todos ficaram com muito que pensar, incluindo os vencedores (à exceção do Chega, porque parece que pensar não é com eles).

POLÉMICAS

Seja quais forem os resultados, as suas interpretações trazem sempre polémica. Desta vez, sua emérita vacuidade, o professor Boaventura, veio exigir, em artigo de página inteira no 'Público', a demissão de Catarina Martins como líder do Bloco. O título, com uma originalidade que roça o génio — "Obviamente, demita-se!" —, diz tudo. Dois dias depois, o fundador do BE e também ele professor universitário, Fernando Rosas, veio responder a Boaventura, embora por ninguém mandatado, mas a título pessoal. Ah, sim! Isto é digno de se ver e honra as melhores tradições da extrema-esquerda: quando uma pessoa era um partido, duas uma coisa e três dava direito a criar uma Internacional.

SANÇÕES

A mulher de João Rendeiro ficou com a casa (quase) vazia após o tribunal ter mandado arrestar os bens do ex-banqueiro; Manuel Pinho, por seu lado, viu o juiz Carlos Alexandre decretar a especial complexidade do caso EDP, o que faz com que o ex-ministro possa ter de ficar em prisão domiciliária até dezembro. Em semana que só se fala de eleições, é bom saber que a Justiça (bem ou mal) continua em ação.

MINAS

Portugal é pobre (no âmbito da UE), todos concordam. Mas sempre que pode fazer qualquer coisa, há milhões de entraves. Era o caso da exploração do lítio, mineral indispensável às baterias automóveis, por exemplo. Finalmente, há um parecer que determina os locais em que essa exploração pode acontecer. Espero que seja rentável, que crie empregos e exportações e que o Governo, agora com maioria, prossiga o trabalho.

SECA

O país é uma seca! Agora é oficial. A falta de chuva arruina a agricultura e põe em perigo os abastecimentos.

GUINÉ

Houve uma tentativa de golpe de Estado no Guiné-Bissau... hesito em saber se isto é uma notícia, tal a recorrência.

RÚSSIA-EUA

Uma fuga de documentos russou o que já se sabia: os EUA rejeitam as exigências de acesso de a Ucrânia jamais pertencer à NATO. A guerra está mais perto? Parece que não... o gás russo faz falta a países da Europa e ninguém parece interessado no conflito, ainda que tropas de um lado e de outro se desloquem para a área.



FOTO MANUEL DE ALMEIDA

COMO ACABAR COM OS NATURAIS RECEIOS DE UMA MAIORIA ABSOLUTA

Considerar uma maioria absoluta um perigo, apenas porque se trata de uma maioria absoluta, não faz o mínimo sentido. Como não se entende como os críticos das maiorias de um só partido não se empenhem em fazer propostas que limitem e controlem o poder dos governos que emanam dessas maiorias, ou de quaisquer prepotências das maiorias parlamentares. Esses mecanismos já fizeram falta nos tempos da 'geringonça' e em tempos anteriores, e farão falta a esta nova maioria, sobretudo ao se pretender que ela seja diferente das anteriores, como o próprio António Costa prometeu.

A democracia não se caracteriza pelo facto de uma maioria eleita mandar. A democracia é o sistema em que as minorias têm direitos, desde que legalmente reconhecidos pelas leis fundamentais. É o sistema dos poderes autónomos, separados e limitados uns pelos outros, pela pluralidade de opiniões e poderes institucionais e fácticos. Assim sendo, o problema com as maiorias absolutas ou os excessos que estas cometem está no défice que têm as instituições que as deveriam controlar ou limitar.

Em ordem a tornar mais efetivo esse controlo e esse limite, e assim reforçar a democracia e terminar com os receios de qualquer maioria absoluta exercida por partidos democráticos (claro), podem tomar-se várias medidas simples, há muito propostas e discutidas. Por exemplo, a alteração da lei eleitoral, permitindo que se mantenha a proporcionalidade e representatividade e reforçando a independência dos deputados em relação às direções partidárias, fazendo-os depender sobretudo da vontade dos seus eleitores. Isso consegue-se mesmo sem qualquer revisão constitucional, com um sistema de círculo nacional conjugado com círculos uninominais. Os deputados eleitos nestes círculos passam a ser muito mais independentes das vontades e caprichos dos governos, e do que estes transmitem às lideranças parlamentares. Só esta alteração poderia ter

reflexo em muitas outras. Por exemplo, se os reguladores deixassem de ser nomeados pelos governos e passassem a ser pelo Parlamento, ou pelo Presidente da República, que os proporia ao Parlamento; o mesmo se passando com o governador do Banco de Portugal, que também é regulador, e com o procurador-geral da República. O facto de os chefes do Estado poderem ser da mesma cor do que as maiorias não tem



Um erro não deixa de ser erro apenas porque a maioria o partilha

Leon Tolstói (1828-1910), escritor russo, um dos mais geniais de sempre, autor de "Guerra e Paz", "Anna Karenina" e "A Morte de Ivan Ilich". Tornou-se um místico, e esta frase é do seu livro "A Confissão" (1879), uma autobiografia que relata a sua crise existencial e aborda temas como a melancolia, a religião e a filosofia



grande influência, como se viu com Mário Soares, quando contra a opinião do então líder do PS, Vítor Constâncio, dissolveu o Parlamento e convocou as eleições que deram a primeira maioria a Cavaco; ou com Jorge Sampaio, que contra a opinião do líder do PS, então Ferro Rodrigues, deu posse ao governo de Santana Lopes, depois de Durão Barroso ir para Bruxelas.

A passagem de poderes de moderação para o PR reforça os poderes do Chefe do Estado e sublinha o seu estatuto de representação de todos os portugueses, e não de uma facção vitoriosa (ao contrário, por definição, do que se passa com os governos). Além disso, a escolha por maiorias qualificadas dos organismos, ou pessoas, com o encargo de fiscalizar os atos do Executivo, permite que se reforce o poder do Parlamento enquanto órgão que representa, nas suas diversas funções, o conjunto de todos os eleitores. Sobretudo, reforça uma noção que em Portugal se perde muitas vezes: a de que o Governo emana do Parlamento, não manda nele; que ao Parlamento cabe controlar e limitar os atos do Governo e não aplaudir ou apurar as suas decisões. Que o conjunto dos partidos são os representantes do país, e que todos devem ser tratados com igual dignidade, desde que eles próprios se disponibilizem a dignificar (e não a atacar) as instituições do país.

António Costa deu o seu exemplo na Câmara de Lisboa (onde afirma que dialogou com todos, mesmo com a maioria) e apontou para Marcelo Rebelo de Sousa para justificar que uma maioria absoluta do PS não seria igual às anteriores, no capítulo da prepotência, nepotismo, corrupção e outros males. Mas, não se trata de António Costa nem de Marcelo. Trata-se de instituições que têm de ser fortes, com poderes claros e limites rígidos, previamente muito bem definidos, seja quem for o seu primeiro-ministro ou Presidente da República.

Tenho a certeza que o cidadão António Luís Santos Costa sabe isto tudo: o meu único receio é que até já tenha esquecido, ou lhe dar mais jeito esquecer. Espero que não, e que ele, honrando o desejo expresso de que uma maioria com ele como líder seja diferente, o leve a promover estas ou outras reformas que limitem o que já foi considerado no tempo de Cavaco "presidencialismo do primeiro-ministro", ou o forrobodó do tempo de Sócrates.

hmonteiroexpresso@gmail.com

ANTES QUE ME ESQUEÇA



SONDAGENS

Já muita gente disse ser necessário falar a sério sobre as sondagens. Nos últimos tempos, os estudos de opinião tornaram-se no alfa e no ómega da atividade e análise política. Depois, chega o momento do voto e sabemos que andámos a discutir equívocos. É claro que as sondagens que saem dos inquiridos à boca da urna acertam, mais ou menos, nos resultados finais. Mas terão de me explicar muito devagarinho e com tempo como na última semana dois partidos empatados desempatam de tal forma que ficam separados por 12 pontos percentuais. Do mesmo modo, é necessária uma boa explicação para o facto de um partido que lutava pelo terceiro lugar, ficar em quinto ou sexto, ao mesmo tempo que outro que seguia atrás do BE, CDU e PAN os ultrapassa a todos. As sondagens feitas com critério são um instrumento precioso. Mas insisto: quem as encomenda não quer gastar dinheiro e aceita amostras muito pequenas; os entrevistados aprenderam a lidar com os inquiridos e respondem não tanto o que vão fazer, mas talvez o que desejassem ser o resultado ou o que pensam ser o resultado, quem sabe se influenciados por outros estudos. Por fim, os partidos aproveitam-se e a comunicação social vive numa bolha e não faz a menor ideia do que pensam os eleitores.



ENFIM, LIVRE

"A maioria absoluta vai obrigar todos, órgãos de soberania e sociedade civil, a elevar a fiscalização do Governo." Quem o disse foi o deputado do Livre, Rui Tavares, e eu, como se constata no texto principal, não podia estar mais de acordo. Por fim, livre de Joacine Katar Moreira, que saiu do partido pouco depois de entrar no Parlamento, este pequeno partido da esquerda, não formado na herança da canga marxista, leninista e maioista, pode mostrar o que vale. Nos debates foi sempre interessante; doravante, ver-se-á se faz a diferença. Para já, foi o único partido de esquerda que não foi beliscado pelo PS.



A TREMER

Com 12 deputados eleitos sentir-se-á o terramoto no sistema, como André Ventura prometia: "Vamos fazer tremor o sistema"? Gostava de perceber que sistema é que querem pôr a tremor? O sistema democrático? O sistema métrico? O sistema caracterizado por dizermos "eles" sempre que nos referimos a incertos? Seja o que for, 12 deputados do Chega é demais, mas devo dizer que já aguentámos mais deputados contra o sistema e acabou tudo mal para eles. Além de que, a avaliar pelos congressos elevadíssimos do Chega, não deve faltar muito para ser o Chega a desentender-se todo, e tudo começar a tremor e a correr mal para eles.